

REFLEXÕES ACERCA DO OLHAR DO ESPECTADOR SOBRE UMA PERFORMANCE NA RUA

JANAINA BRUNA DOS SANTOS MOREIRA¹; HELENA THOFERN LESSA²

¹Universidade Federal de Pelotas – janaina.bruna.kizy@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – thofernlessa@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa apresentar uma análise sobre a performance (Con)tradição, realizada pelas integrantes do projeto de extensão Caminhos da Dança na Rua, e tem como foco a reflexão a partir do olhar do espectador, um dos interesses de pesquisa do projeto de pesquisa que as autoras participam, intitulado “Quem assiste também dança: reflexões e proposições pedagógicas para a apreciação em dança na contemporaneidade”.

Por se tratar de uma performance¹, é importante ressaltar que a cada 1 exposição ao público ela se adequa/adapta às propostas/demandas que lhe surgem. A adaptação da (Con)tradição analisada aqui ocorreu no calçadão de Pelotas, no mês de abril, como parte da programação da semana que comemorava o Dia Internacional da Dança. As autoras do presente trabalho participaram da performance, a qual abordou o tema sobre as tradições que vivenciamos e trouxe alguns questionamentos, como: elas ainda nos representam? Ou meramente reproduzimos elas de forma inconsciente? Mesclado a esse contexto, também trouxemos para a cena a violência contra a mulher que está mais visível a cada dia.

Quem assiste também dança é um projeto de pesquisa que integra a linha Processos artísticos e educacionais na contemporaneidade do Grupo de Pesquisa OMEGA – Observatório de Memória, Educação, Gênero e Arte. O projeto tem como um de seus objetivos pensar a formação de público para a dança e desenvolver estratégias pedagógicas para trabalhar a apreciação em dança. Como a área de pesquisa que uma das autoras do trabalho desenvolve na Universidade tem ênfase na performance e muitas vezes sua prática se desenvolve na rua, houve o interesse e a decisão de se debruçar nessa performance do Caminhos para direcionar o olhar sobre o espectador que não está ali propositalmente. A partir disso, são objetivos do trabalho analisar as (re)ações dos espectadores de rua e refletir sobre o seu papel na contemporaneidade. Para tais reflexões, são utilizadas as teorias dos autores DESGRANGES (2015), PAVIS (2015) e RANCIÈRE (2012).

2. METODOLOGIA

Nos encontros do projeto de pesquisa, houve uma decisão coletiva de que cada componente iria direcionar o seu olhar de pesquisadora para algo que

¹ “[...] podemos entender a linguagem da performance: como uma linguagem que não constitui apenas uma representação de determinada situação ou contexto, mas que, realizando e efetuando-se, modifica o presente, influi ativamente nele, propondo transformações nos modelos de poder vigente, remodelando as subjetividades e as relações previamente estabelecidas. É nessa transformação que podemos ver a potência principal da performance: a performance não representa, mas é, transforma, recria, remodela modelos vigentes, tornando visível e palpável o invisível e o despercebido, e propõe alternativas para a transformação.” (ALICE, 2014, p. 34).

fizesse relação com a temática do grupo e com a área de pesquisa de seu interesse. A partir dessa decisão, a primeira autora do trabalho, enquanto integrante do Caminhos e do Quem assiste também dança, buscou entrelaçar seus interesses unindo a performance na rua e a apreciação em dança.

Nesse sentido, uma das colaboradoras do projeto de pesquisa realizou uma filmagem da reapresentação da performance (Con)tradição para posterior análise. Para PAVIS (2015), o vídeo constitui a mídia mais completa para reunir o maior número de informações referentes a um espetáculo. A filmagem foi realizada com uma câmera posicionada em um ponto fixo no centro de Pelotas, em que foi possível captar as relações entre os performers e os espectadores.

Mesmo feita com uma única câmera a partir de um ponto fixo, a gravação de vídeo é um testemunho que restitui bem a espessura dos signos e permite ao observador captar o estilo de representação e guardar a lembrança dos encadeamentos e dos usos dos diversos materiais. (PAVIS, 2015, p.37-38)

Na semana posterior à filmagem da performance, as integrantes do projeto se reuniram e analisaram o vídeo com o intuito de perceber os acontecimentos e detalhes da cena direcionados às (re)ações dos espectadores. Mesmo que as autoras tenham participado da performance, o ato de analisar o vídeo trouxe outro olhar, voltado mais para fora do que para dentro, e ampliou as reflexões sobre a relação com os espectadores, desencadeando os pensamentos descritos a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma das primeiras reflexões ao assistir a performance, tanto por meio do recurso audiovisual quanto por estar performando, é a percepção sobre o que se desenrola ao redor, em que o autor DESGRANGES (2015, p.173) traz que:

[...] formar espectadores consiste em provocar descobertas [...], propor experiências que estimulem o espectador a construir os percursos próprios, o próprio saber [...] deixando que cada qual vá descobrindo laços e afinidades, tornando-se íntimo a seu modo [...].

Ao propor arte na rua não se sabe quem vai assistir, o que vão achar, se vão parar o seu trajeto para olhar ou não, então mesmo ao planejar e criar expectativas, o trabalho do performer possui uma abertura para o acaso. E é através dessas possibilidades que os artistas de rua trazem a performance para aquele ambiente e tornam a arte acessível, convidando e auxiliando a construir o espectador.

São as pessoas que estão passando que decidem se vão parar ou não, e geralmente param por se tratar de algo que já tiveram alguma experiência ou até mesmo pelo fato de ser diferente de suas realidades, o que pode modificar o tempo que vão assistir, já que os espectadores estão de passagem e não costumam ser os mesmos do começo ao fim. RANCIÈRE (2012, p. 17) diz que o espectador tem o poder de se emancipar, de questionar o que está vendo, de agir:

O espectador também age, tal como o aluno ou o intelectual. Ele observa, seleciona, compara, interpreta. Relaciona o que vê com muitas outras coisas que viu em outras cenas, em outros tipos de lugares. Compõe seu próprio poema com elementos do poema que tem diante de si. Participa da performance refazendo-a à sua maneira [...] Assim, são

ao mesmo tempo espectadores distantes e intérpretes ativos do espetáculo que lhes é proposto.

As pessoas na rua costumam agir conforme sua rotina e ao passar por uma ação artística interrompem aquele fluxo que vinham tendo. Ninguém espera ser perseguido ou guiado pela rua através de castanholas (uma das proposições durante a performance). Isso traz uma quebra no ritmo de suas caminhadas por ser algo inesperado e com isso as pessoas podem tanto pausar para tentar ver/analisar/entender o que está acontecendo como acelerar os passos para sair o mais rapidamente daquela “situação”.

Os espectadores desse tipo de ação são espectadores do acaso, pois nunca sabem quando vão se deparar com esses eventos. Por estarem na rua, seja indo para o trabalho, horário de almoço, ao caminho das compras ou seja encontrando amigos, de certa forma se expõem para tudo o que a rua possa vir a oferecer. E, através da performance analisada, foi possível ver as mais diversas respostas dos transeuntes aos estímulos propostos pelos performers. Alguns responderam através de sorrisos, por estarem sem jeito ou até mesmo por terem ficado alegres ao verem algo fora do “esperado”, outros questionaram o que estava acontecendo e quem éramos. Outros respondiam com movimentos, tanto para tentar se desviar do grupo quanto para entrar de fato na performance, como foi o caso de um espectador que saltitou em um percurso com uma das performers.



Figura 1 - Performance do grupo Caminhos da dança na rua no calçadão de Pelotas.
Fonte: Débora Allemand, 2018.

4. CONCLUSÕES

A partir desse estudo para o qual há um direcionamento do olhar enquanto artista-pesquisadora, concorda-se com RANCIÈRE (2012), quando o autor traz o pensamento de espectador emancipado. Acredita-se que as pessoas sempre foram emancipadas independente da contemporaneidade/época, pois, de certa forma, os transeuntes/público sempre terão autonomia para interagir/criar com a performance ou não, já que isso se trata muito mais das experiências/vivências que cada um carrega junto com a sua visão de mundo.

Outro ponto importante de destacar é a impossibilidade de estabelecer uma relação entre causa e efeito na performance, já que as (re)ações são diversas por parte do espectador. Considerando o pensamento de espectador emancipado,



assim como a natureza subjetiva da arte, não é possível prever uma resposta exata das percepções do público da rua. Não sabemos se o espectador será captado ou irá interagir com o que está assistindo do começo ao fim, se vai parar para olhar, se vai rir ou questionar o que está acontecendo, ou até mesmo. Refletir sobre o espectador e o que move ele a querer ver/sentir arte se trata de um desafio, o qual parece se multiplicar quando acrescentamos o espaço rua e a arte da performance.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALICE, Tania. Diluição das fronteiras entre linguagens artísticas: a performance como revolução dos afetos. **Catálogo Nacional do SESC**. 2014. Disponível em: Acesso em: 30 ago. 2018

DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do espectador**. São Paulo: Hucitec, 2015.

PAVIS, Patrice. **A análise dos espetáculos**: teatro, mímica, dança, dança-teatro, cinema. São Paulo: Perspectivas, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.